

exemplo, pouco importa. A estrutura aparece como congelada, fora do tempo e do espaço. Os termos utilizados pelo filósofo para caracterizar essa missão orgânica evocam a tese de manipulação vertical.

Crise do Modernismo
 [A crise que atinge, no final dos anos 70, a teoria estrutural das relações sociais, como o conjunto dos grandes sistemas explicativos, gira precisamente em torno da questão das mediações e do lugar do sujeito, do ator e da audiência.]

3. Cultural Studies

A cultura do pobre

O surgimento de uma hierarquização das formas culturais não demorou a preocupar os intelectuais britânicos. A divisão tripartite da cultura (refinada, medíocre e brutal) aparece, na verdade, nos escritos do inglês Matthew Arnold (1822-1888) em seu livro *Culture and Anarchy*, publicado em 1869 e reeditado pela Universidade de Cambridge em 1935, data significativa.

A corrente que irá se desenvolver nos anos 60 e 70 sob o nome de Cultural Studies tem sua origem distante nos estudos de crítica literária de Frank Raymond Leavis (1895-1978), publicados nos anos 30. *Mass Civilisation and Minority Culture* (1930) pretende servir de guia para ajudar os alunos na defesa contra a cultura comercial. A idéia de Leavis é a de que o desenvolvimento do capitalismo industrial e suas expressões culturais (nessa época, trata-se sobretudo do cinema) tem efeito pernicioso sobre as

diversas formas da cultura tradicional, tanto do povo como da elite. Leavis e o grupo reunido em torno da revista *Scrutiny*, fundada em 1932, pretendem utilizar a escola para difundir o conhecimento dos valores literários. Mesmo habitado pela nostalgia da alta cultura e da grande tradição literária que supostamente contém os valores "superiores" da era pré-industrial, Leavis rompe com a posição conservadora que caracteriza a crítica literária da época. De origem modesta, é o primeiro teórico da literatura inglesa a penetrar nos bastiões da aristocracia que são Oxford e Cambridge. Opõe-se francamente ao capitalismo industrial como sistema e ao lugar que nele assumem os meios de comunicação de massa em seu desenvolvimento na Grã-Bretanha. Como nota Terry Eagleton, especialista em teoria literária, "*Scrutiny* não é somente uma revista, é o centro de uma cruzada moral e cultural: o que se espera de seus partidários é que se dirijam às escolas e universidades para lutar e oferecer, mediante o estudo da literatura, as respostas ricas, complexas, maduras, sensatas e moralmente sérias (termos-chave da *Scrutiny*) que permitirão aos indivíduos sobreviver na sociedade mecanizada dos 'romances-sabonete', do trabalho alienante, das propagandas estúpidas e dos meios de comunicação de massa embrutecedores" [Eagleton, 1983].

Com preocupação educativa, a tradição leavisiana leva, sobretudo, uma abordagem das diferentes formas de produção literária baseada na análise textual, na pesquisa do sentido e dos valores socioculturais ao que ela se opõe aos métodos da escola funcionalista.

Essa tradição é assumida nos anos 50, que vêem a expansão do sistema escolar por meio de um movimento pedagógico no qual se engaja uma geração de professores do secundário que, também eles provenientes de meios modestos, valorizam, diferentemente da teoria elitista de Leavis, os gostos dos alunos da classe operária.

Em 1957, Richard Hoggart (nascido em 1918), professor de literatura inglesa moderna, publica *The Uses of Literacy* (traduzido para o francês em 1970 sob o título algo enganador de *La Culture du pauvre*). Descreve as transformações do modo de vida e das práticas (*the whole way of life*) da classe operária (o trabalho, a vida sexual, a família, o lazer). Publicado no ano em que é inaugurada a televisão comercial, portanto antes de sua introdução entre as classes populares, a obra de Hoggart é ao mesmo tempo um elogio das formas de vida tradicionais das comunidades da classe operária de onde ele saiu, que resistem à cultura comercial, e uma crítica severa às expressões dessa cultura. No ano seguinte, Raymond Williams (1921-1988), então ensinando em uma instituição de formação dos trabalhadores, publica *Culture and Society (1780-1950)*, onde critica a dissociação muito freqüentemente praticada entre cultura e sociedade.

Em 1964, a obra de Stuart Hall e Paddy Whannel, *The Popular Arts*, encerra esse período que viu as análises desses diferentes autores atendendo a uma demanda proveniente da escola.

O Centro de Birmingham

Ainda em 1964 é fundado, na Universidade de Birmingham, o Centre of Contemporary Cultural Studies (CCCS), centro de estudos em nível de doutorado sobre as "formas, práticas e instituições culturais e suas relações com a sociedade e a transformação social". Richard Hoggart é seu primeiro diretor. Em 1968, quando se torna diretor-geral adjunto da UNESCO, Stuart Hall (nascido em 1932), de origem jamaicana, assume seu lugar, até 1979. O centro conhece seu auge durante esse período, que coincide com o período de ouro da New Left. Em 1972 cria a revista *Working Papers in Cultural Studies (WPCS)*.

O Centro de Birmingham reconhece sua idéia fundadora nas obras de Hoggart, de Williams e do historiador Edward P. Thompson (1924-1993).

A obra de R. Williams, *The Long Revolution* (1965), marca uma dupla ruptura. Em primeiro lugar, com a tradição literária que situa a cultura fora da sociedade, pondo em seu lugar uma definição antropológica: a cultura é o processo global por meio do qual as significações são social e historicamente construídas; a literatura e a arte são apenas uma parte da comunicação social. Ruptura, em segundo lugar, com um marxismo redutor: Williams posiciona-se em favor de um marxismo complexo, que permite estudar a relação entre a cultura e as outras práticas sociais; ele debate o primado da base sobre a superestrutura, que reduz a cultura submetendo-a à determinação social e econômica. Nisso, está em uníssono com um movi-

mento de idéias trabalhado pela *intelligentsia* de esquerda na Europa como um todo, movimento que teve como precursores os filósofos da escola de Frankfurt. Desde os seus primeiros trabalhos sobre a mídia, Williams critica o determinismo tecnológico. Em cada uma de suas intervenções nessa área, ele estuda as formas históricas assumidas em cada realidade pelas instituições midiáticas, a televisão, a imprensa, a publicidade [Williams, 1960, 1974, 1981].

Em *The Making of the English Working Class*, (1968), E. P. Thompson inicia uma polêmica com R. Williams a respeito de *The Long Revolution*: acusa-o de permanecer excessivamente tributário de uma tradição literária evolucionista, que sempre se refere à cultura do singular, ao passo que o trabalho dos historiadores revela tratar-se de culturas no plural, e que a história é feita de lutas, tensões e conflitos entre culturas e modos de vida, conflitos intimamente ligados às culturas e formações de classe.

Múltiplas influências enriquecem essa matriz conceitual. Em primeiro lugar, o interacionismo social da escola de Chicago, que vai ao encontro da preocupação de certos pesquisadores do Centro de trabalhar numa dimensão etnográfica e analisar valores e significações vividas, maneiras pelas quais as culturas dos diferentes grupos se comportam diante da cultura dominante, "definições" que dão os atores sociais sobre sua própria "situação", condições em que vivem. Essa tradição de interacionismo cruza-se com uma tradição etnográfica britânica que renovou a maneira de fazer

história social, a saber, a partir "de baixo", criando ateliês de história oral, associando-se aos trabalhos das feministas sobre a história das mulheres.

Em busca de um marxismo heterodoxo, relêem os estudos de história literária do filósofo húngaro Georg Lukacs, especialmente em *História e consciência de classe* (1923), e os trabalhos do filósofo e teórico da literatura russa, Mikhail Bakhtin, sobre o *Marxismo e a filosofia da linguagem* (1929), assim como suas análises históricas das expressões da cultura popular; traduzem Walter Benjamin; descobrem *Le Dieu caché: étude sur la vision tragique dans les "Pensées" de Pascal et dans le théâtre de Racine* (1959), do sociólogo da literatura Lucien Goldmann e *Questões de método* (escrito em 1957 e publicado em 1960), de Jean-Paul Sartre. Com Louis Althusser, partilham as questões ligadas à natureza da ideologia, que não pode mais ser vista como mero "reflexo" da base material, mas assume papel ativo na reprodução social. Com Roland Barthes, interessam-se pela especificidade do "cultural" e adotam uma metodologia que se apóia na teoria lingüística para abordar uma questão fundamental na época, a das "leituras ideológicas". A análise das revistas femininas, dos programas de ficção e de informação da televisão, dos discursos da imprensa, constitui o núcleo das pesquisas do Centro.

A obra do filósofo marxista italiano Antonio Gramsci, morto em 1937 nas prisões fascistas, teve sobre o Centro uma influência maior do que na França em meios similares. A contribuição de Gramsci repousa

GRANISCI
 ↓
 H15:44p

sobretudo em sua concepção de hegemonia: a hegemonia é a capacidade de um grupo social de assumir a direção intelectual e moral sobre a sociedade, sua capacidade de construir em torno de seu projeto um novo sistema de alianças sociais, um novo "bloco histórico". A noção de hegemonia desloca a de classe dominante, cujo poder residiria inteiramente em sua capacidade de controlar as fontes do poder econômico. Na análise do poder, introduz a necessidade de considerar negociações, compromissos e mediações. A noção gramsciana ilustrava, precocemente, a recusa em alinhar de modo mecânico as questões culturais e ideológicas às da classe e da base econômica, trazendo ao primeiro plano a questão da sociedade civil como distinta do Estado.

Todas essas influências serão objeto de uma apropriação crítica. A originalidade do centro e da problemática dos Cultural Studies na época consiste em conseguir reunir grupos de trabalho em torno de diferentes áreas de pesquisa (etnografia, *media studies*, teorias da linguagem e subjetividade, literatura e sociedade, por exemplo) e vincular seus trabalhos a questões suscitadas por movimentos sociais, em especial o feminismo. Rapidamente, o Centro promove estudos sobre as representações da mulher e a ideologia da feminilidade. Essas pesquisas, efetuadas em 1968 e 1969, mostram seu interesse pelos estudos sobre o mito levados a cabo por Lévi-Strauss e pelos primeiros trabalhos de Barthes. A despeito da grande influência dos pensadores franceses sobre as metodologias e problemáticas dos Cultural Studies, não se

estabelece então qualquer vínculo orgânico, entre os dois lados do Canal da Mancha. /

Rumo ao estudo da recepção

(O trabalho de Stuart Hall sobre o papel ideológico da mídia e a natureza da ideologia representa um momento importante na constituição de uma teoria capaz de refutar os postulados da análise funcionalista americana e de fundar uma forma diferente de pesquisa crítica sobre os meios de comunicação de massa)

Seu artigo "Encoding/Decoding", redigido por volta de 1973, examina o processo de comunicação televisiva segundo quatro momentos distintos — produção; circulação; distribuição/consumo; reprodução — que apresentam suas próprias modalidades e suas próprias formas e condições de existência, mas articulam-se entre si e são determinadas por relações de poder institucionais. A audiência é ao mesmo tempo o receptor e a fonte da mensagem, pois os esquemas de produção — momento de codificação — respondem às imagens que a instituição televisiva se faz da audiência e a códigos profissionais. Do lado da audiência, a análise de Hall definiu três tipos de decodificação: dominante, oposicional e negociada. O primeiro corresponde aos modos de ver hegemônicos, que aparecem como naturais, legítimos, inevitáveis, o senso comum de uma ordem social e de um universo profissional. O segundo interpreta a mensagem a partir de um outro quadro de referência, de uma visão de mundo contrária (por exemplo, traduzindo o "interesse nacional" por "interesse de classe"). O código

Raymond Williams: por uma ciência da cultura

Texto extraído da conferência de Raymond Williams sobre a "Comunicação como ciência da cultura", proferida em novembro de 1973, por ocasião da London Conference on Communication, organizada pelo British Council for National Academic Awards.

Na origem, a cultura era ela própria uma prática: conduzir o trigo à maturidade ou conduzir os espíritos à maturidade. A emergência do sentido moderno da palavra cultura (a passagem de práticas culturais particulares a um processo ou um estado geral) é significativa: as práticas individuais foram consideradas as partes solidárias de um progresso ou de um desenvolvimento geral. No século XVIII, a idéia de cultura assumiu o sentido secular de desenvolvimento geral da pessoa, demonstrando em relação a isso um notável avanço sobre as noções metafísicas de civilizações que recorreram à providência e ao irracional.

Mas nos chocamos imediatamente com o problema principal de toda nova teoria

da cultura: o das relações entre as diferentes práticas, no interior daquilo que se considerava todavia um desenvolvimento geral. O primeiro aspecto desse problema era o emprego da palavra "cultura" para designar todo desenvolvimento geral da pessoa — no estilo popular das histórias universais que descreviam a evolução das civilizações — e o outro uso, quase contemporâneo, do mesmo termo "cultura" para designar o desenvolvimento específico de um povo particular, ou seja, de uma cultura nacional.

Essa dificuldade persiste, e continua sempre de uma grande importância teórica em antropologia e em história. Mas para além desse aspecto do problema aparecem dificuldades ainda maiores. O pensamento idealista supunha que o elemento diretor desse processo geral era o espírito ou a consciência (ainda que em suas formas tardias tratar-se-ia de um espírito humano e não divino). Marx contesta essa idéia: ele identificava o elemento diretor — até mesmo, para ele, o

elemento determinante — como a produção material e as relações que dela decorrem. Esse conflito teórico ainda tem igualmente muita importância. Para o que nos interessa, ele subentende toda questão sobre a relação entre

as práticas e, embora essas questões não estejam resolvidas, as pesquisas sobre a comunicação não podem levar muito longe (em A. Mattelart e E. Neveu, Dossier "Cultural Studies", *Réseaux*, n.º 80, 1996).

negociado é uma mescla de elementos de oposição e de adaptação, um misto de lógicas contraditórias que subscreve em parte as significações e valores dominantes, mas busca numa situação vivida, em interesses categoriais por exemplo, argumentos de refutação de definições geralmente aceitas. Esse artigo orientou várias pesquisas do Centro sobre a televisão.

Everyday Television, Nationwide (1978), de Charlotte Brunsdon e David Morley, resultado de uma pesquisa financiada pelo British Film Institut (BFI), marca uma virada na produção desses *media studies*. Após a análise dos programas de informação geral, das revistas políticas sobre grandes questões da sociedade, os *current affairs*, que se dirigem a um público de elite, a atenção se volta para as emissões igualmente chamadas de "comunicação política", porém destinadas a um público mais vasto e heterogêneo em termos de classe e sexo, como o programa *Nationwide*. É o ponto de partida de uma investigação sobre os gêneros populares (*situation comedies*, esportes, variedades, *soap operas*, séries policiais). *Everyday Television* põe em cena a vontade de explorar a maneira

pela qual esses programas de diversão de massa tratam as contradições da vida e da experiência de homens e mulheres de vastas camadas sociais, e participam da construção de um senso comum popular. No centro dessa linha de pesquisa, estão o estudo das representações de gênero feminino/masculino, de classe social, de grupos étnicos.

A etapa seguinte vê se acentuar o deslocamento do estudo dos textos para o das audiências (ver capítulo VI, 2).

V

ECONOMIA POLÍTICA

(A economia política da comunicação começa a se desenvolver nos anos 60. Assume de início a forma de um questionamento sobre o desequilíbrio dos fluxos de informação e produtos culturais entre os países situados de um lado e de outro da linha demarcatória do "desenvolvimento".)

A partir de 1975, a economia política se encaminha para uma reflexão que não versa mais sobre a "indústria cultural", mas sobre as "indústrias culturais". A passagem do singular ao plural revela o abandono de uma visão demasiado genérica dos sistemas de comunicação. No momento em que as políticas governamentais de democratização cultural e a idéia de serviço e monopólio públicos são confrontadas com a lógica comercial num mercado em vias de internacionalização, trata-se de penetrar na complexidade dessas diversas indústrias para tentar compreender o processo crescente de valorização das atividades culturais pelo capital.